

GERMANO SILVA

PORTO

HISTÓRIA E MEMÓRIAS

PREFÁCIO DE MÁRIO CLÁUDIO

ÍNDICE

As Pedras e as Gentes (Prefácio de Mário Cláudio)	7
Introdução	9
O Largo de S. João Novo	11
A Capela de S. Roque	15
Ver a missa na Sé	19
O burgo de Santo Alifon	25
A Viela da Cadeia	29
Os Almadas	33
Corpo Santo	39
Um bispo empreendedor	45
S. José das Taipas	49
A função do almotacé	53
A cidade industrial	57
A água das freiras	61
S. Pantaleão	65
O bispo esmoler	69
O ano começava no S. João	73
Toponímia de Paranhos	77
O Mercado do Anjo	81
O Arco de Sant'Ana	87
Procissão a Santo António	91
A Senhora da Silva	95

A água do Campo Grande	101
O sítio das Virtudes	105
Os Coutinhos de Monchique	109
Restos do passado	115
Figuras típicas	119
A procissão das Cruzes	123
A “Árvore da Liberdade”	127
Asneiros ou Priorado?	131
O Vale de Asnos	135
Os Passeios da Graça	139
Da Casa da Audiência	143
Monjas de S. Bento	147
A Rua dos Lavadouros	151
A Feira do Pão	155
A cidade de D. João I	159
Bailes e merendas	165
Os direitos do Concelho	169
Obras na Foz do Douro	173
Bandeirinha da Saúde	177
Ruas de cidade medieva	181
As barreiras	185
Os Figueiroas	189
Lendo “velhos manuscritos”	193
A Senhora da Batalha	197
O Sítio da Póvoa de Cima	201
A “Belfastada”	205
Senhora da Boa Nova	211
A Rua da Boavista	215
Laje ou Lajem?	219
O pitoresco portuense	225
A Igreja de S. Lourenço	229
A Cividade	233
A cidade do século XIX	237

AS PEDRAS E AS GENTES

Faltou ao Porto um ilustrador da estirpe de Gustave Doré, capaz de tecer com as luzes e sombras do Burgo a verdadeira, e arquetípica, identidade que lhe assiste. Não houve quem alcançasse vê-lo para além da bruma ubíqua, coisa que em Londres Doré magnificamente reduziria a uma presença discreta. Ninguém iria por isso conseguir enquadrar no nosso convencional cenário de musgos e humidades uma fauna humana, animadora dessa espessa volumetria granítica, tocada pelo tépido reflexo das claraboias. Onde se acham as imagens das vielas do Barredo, pululantes de mendigos e rameiras, que se comparem às das artérias do River Side, congestionadas de carreões e despachantes? Onde se surpreende a perspetiva da Avenida das Tílias do nosso Palácio de Cristal, paulatinamente percorrida pelas tribos mercantis da Rua das Flores, que se equipare à do picadeiro dos Jardins de Kensington, apinhado de misses montadas nos seus alazões? Onde se descortina o flagrante entenebrado das enxovias da Cadeia da Relação, homólogo daquele em que se documenta o exercício diário dos reclusos da Prisão de Newgate?

Os ícones do Porto, cidade caracterizada pela serena truculência que não se compadece com a afabilidade de bom-tom, quedaram-se por vaporosas gravuras, produzidas pela curiosidade turística dos britânicos que, vindo até cá, ligeiramente se desviavam do Grand Tour, ou pela fantasia romântica daqueles que de Turner reteriam a doirada evanescência, posto que nunca a anotação do desastre. Concebidas para alegrar as paredes apaineladas de um *cabinet particulier*

onde se provava o *tawny*, e se fumava cachimbo, não inquietariam semelhantes representações quem quer que fosse, nem fariam justiça à urbe de carne e osso que se esforçavam por retratar. Razão de sobra resulta portanto para que permaneçam em álbuns sumptuosos, e *ad usum delphinorum*, ou para que se limitem à circulação do postal catita, e bem-humorado.

As crônicas de Germano Silva, aqui reunidas, considerada a sua envergadura, exemplarmente avessa a qualquer pitoresco, poderiam coincidir de modo excelente com os desenhos a preto-e-branco, inspirados naquilo que em essência o Porto configura. Referimo-nos ao pragmático voluntarismo que inspiraria os Almadás, celebrados nestas páginas, e à labuta obstinada que mobilizaria toda uma multidão de pescadores e calafates, de almotacés e almocreves, de padeiras e sirgueiros e carniceiros, de frades e poetas, e à qual se juntariam, mais cabisbaixos, os presos da Rua Chã, ou as entrevadas de Santo Alifon. É exatamente uma turba destas que nas linhas a seguir se destaca, evoluindo perante um telão de muralhas e igrejas, de palácios e fontanários, de alfurjas e armazéns, e se de substância igual à do sangue se não talha a cantaria do espaço que lhe corresponde, então não valerá a pena procurar no rosto de um aglomerado as feições, e as rugas, de quantos o vão constituindo.

Herdeiro da escrupulosa tradição de um Arthur de Magalhães Basto, e de um Eugénio Andréa da Cunha e Freitas, Germano Silva atesta a sua rara qualidade de investigador, enriquecida pelo não menos excecional talento da comunicação dos seus achados. Várias formas existem de converter a História em Literatura, e algumas delas tão chochas que ofendem a primeira, e envergonham a outra. Mas a que Germano Silva escolhe, rigorosa na formulação porque amparada na análise dos factos, e servida pela prosa desvelada que deve ser a dos que escrevem na língua-mãe, homenageia esse Porto que dele se honra, e donde ele mesmo extrai os motivos maiores do seu encantamento do mundo.

Mário Cláudio

INTRODUÇÃO

Todos os dias, andando por aí, no labirinto urbanístico do Porto, topamos com alguns motivos que são parte integrante da história desta cidade roqueira: nomes de ruas; monumentos; uma igreja; palácios; uma escultura no meio de um jardim público; o cruzeiro da lenda, permanentemente alumiado pela lamparina votiva.

Raras vezes, porém, nos dispomos a conceder um minuto que seja da nossa atenção, já não digo ao estudo, mas à observação, ainda que rápida, desses sítios ou desses monumentos emblemáticos, para que melhor possamos compreender o verdadeiro significado de cada uma dessas páginas vivas da milenária história portugalense.

Vai para um quarto de século que eu publico, semanal e ininterruptamente, nas páginas do *Jornal de Notícias*, a crónica “À descoberta do Porto”.

À sua publicação presidiu um objetivo bem definido: o de despertar no leitor o interesse pelo passado histórico da sua cidade.

Era, e continua a ser, minha convicção que, depois de saber o significado dos nomes de certas ruas, de conhecer a origem de alguns monumentos e o que eles representam na antiquíssima história do Porto, o leitor passaria a olhar de uma maneira diferente para este velho burgo e iria compreender melhor o seu passado, estimando-o e lutando pela preservação dos seus valores mais representativos.

Apesar de saber que esse objetivo foi plenamente atingido, entendi que devia fazer mais alguma coisa pela divulgação dos nossos valores históricos, como, por exemplo, retirar a crónica do esquecimento em

que jazia na “vala comum” que são as páginas dos jornais e dar-lhe uma existência mais perene sob a forma de livro.

Foi nesse sentido que um dia resolvi aceitar as inúmeras sugestões que então me eram dadas por leitores e amigos para reunir as crónicas em volumes.

O primeiro saiu em 1989. Já lá vão vinte e um anos. Teve várias edições. Ao êxito inequívoco do primeiro livro outros se seguiram. Também com várias edições. E todos esgotados.

Neste livro que tenho o prazer de apresentar aos leitores, reúno mais uma mão-cheia de crónicas, corrigidas e adaptadas no sentido de uma maior precisão de linguagem e de observância dos factos históricos nelas expostos.

O critério que levou à reconversão de uma ou outra crónica foi sobretudo o da concisão do estilo e do respeito pelo rigor histórico dos factos narrados.

Mas há uma novidade nesta edição.

Este meu novo livro sai com a chancela da Porto Editora.

Há muito tempo que eu desejava que a minha obra, inteiramente dedicada ao Porto, fosse acolhida por uma editora portuense.

Esse meu desejo concretizou-se, finalmente, e com uma empresa que, para além do merecido prestígio de que goza no mercado editorial e livreiro, tanto a nível nacional como internacional, traz associada ao nome a palavra PORTO. O que para mim constitui uma dupla satisfação.

A finalizar, quero expressar à Porto Editora, na pessoa do seu Administrador, eng.º Vasco Teixeira, o meu sincero agradecimento pela confiança depositada em mim mas, sobretudo, na minha obra. Bem hajam.

Porto, 5 de outubro de 2010.

O dia em que a República Portuguesa comemorou cem anos de existência.